

Aos educadores matemáticos brasileiros: entrevista com a professora Elda Vieira Tramm

Gilson Bispo de Jesus¹

Zulma Elizabete de Freitas Madruga²

Jaylson Teixeira³

Resumo: Apresenta-se, neste texto, uma entrevista realizada com a professora, pesquisadora e formadora Elda Vieira Tramm, membro do Grupo EMFoco (Educação Matemática em Foco). O objetivo é destacar e registrar a influência da professora Elda para a comunidade da Educação Matemática no Brasil, principalmente na Bahia. Inicia-se o texto com uma sucinta apresentação da professora, seguida da transcrição da entrevista, elaborada a partir de uma proposta semiestruturada, que ocorreu de forma presencial, em sua residência em Salvador, Bahia. Dentre outros pontos, foram abordadas questões relacionadas à atuação da professora Elda no tocante ao ensino de Matemática. Em seu relato, a professora Elda estava emocionada pela lembrança e valorização do seu legado, e feliz por ter algo a contribuir, a partir da sua experiência e trajetória de vida com a Educação Matemática no Brasil e no exterior (Holanda, Portugal e Angola).

Palavras-chave: Educação Matemática. Entrevista. Formação de Professores.

To Brazilian mathematics educators: interview with professor Elda Vieira Tramm

Abstract: This text presents an interview with professor, researcher, and trainer Elda Vieira Tramm, a member of the EMFoco Group (Mathematics Education in Focus). The objective is to highlight and record Professor Elda's influence on the Mathematics Education community in Brazil, especially in Bahia. The text begins with a brief introduction of the professor, followed by a transcription of the interview, prepared based on a semi-structured proposal, which took place in person at her home in Salvador, Bahia. Among other points, issues related to Professor Elda's work regarding Mathematics teaching were addressed. In her account, Professor Elda was moved by the memory and appreciation of her legacy, and happy to have something to contribute, based on her experience and life trajectory with Mathematics Education in Brazil and abroad (Holland, Portugal, and Angola).

Keywords: Mathematics Education. Interview. Teacher Training.

A los educadores de matemáticas brasileños: entrevista con la profesora Elda Vieira Tramm

Resumen: Este texto presenta una entrevista con la docente, investigadora y formadora Elda Vieira Tramm, miembro del Grupo EMFoco (Educación Matemática en Foco). El objetivo es resaltar y registrar la influencia del profesor Elda en la comunidad de Educación Matemática en Brasil, principalmente en Bahía. El texto comienza con una sucinta presentación de la profesora, seguida de la transcripción de la entrevista, elaborada a partir de una propuesta semiestructurada, que tuvo lugar de forma presencial, en su casa de Salvador, Bahía. Entre otros puntos, se abordaron cuestiones relacionadas con el desempeño del profesor Elda en la enseñanza de Matemáticas. En su relato, la

¹ Doutor em Educação Matemática. Professor Associado II na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Centro de Formação de Professores - CFP. E-mail: gilson@ufrb.edu.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7156-0860>

² Doutora em Educação em Ciências e Matemática. Professora adjunta de ensino de Matemática no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: betemadruga@ufrb.edu.br - Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1674-0479>

³ Doutor em Tecnologias Educativas. Professor no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: jaylsont@ufrb.edu.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3149-7155>

profesora Elda se mostrou conmovida por el recuerdo y valoración de su legado, y feliz de tener algo que aportar, a partir de su experiencia y trayectoria de vida con la Educación Matemática en Brasil y en el exterior (Países Bajos, Portugal y Angola).

Palabras clave: Educación Matemática. Entrevista. Formación de Profesores.

1. Apresentação

A professora Elda Vieira Tramm, sergipana de nascimento, mudou-se para a Bahia com cinco anos de idade. Nasceu em uma época em que a comunicação era limitada, sem facilidades como os e-mails. Sua trajetória educacional foi marcada por um contínuo esforço de adaptação e inovação, especialmente no campo da Educação Matemática.

Sempre teve paixão pela educação, o que a levou a buscar uma formação sólida e diversificada. Enfrentou desafios significativos ao longo do caminho, mas manteve um foco inabalável em seu sonho de contribuir para a Educação, em especial o ensino e aprendizagem de Matemática. Em sua formação extensa, defendeu suas ideias inovadoras em contextos interdisciplinares. A professora compartilhou detalhes sobre sua formação educacional (desde o ginásio) e experiências profissionais, até chegar à sua atuação atual, sempre pontuando a Educação Matemática.

Elda sempre valorizou a formação contínua de professores, destacando a necessidade de preparar os educadores para lidar com novas metodologias e desafios do ensino de Matemática. Ela mencionou que a formação dos formadores deve incluir tanto a teoria quanto a prática, com ênfase na aplicação dos conceitos em sala de aula. A esse respeito, se vê como alguém que contribuiu, em alguma medida, para diminuir a famosa dicotomia entre “teoria e prática”.

A professora Elda é uma educadora dedicada que sempre buscou inovar e melhorar a Educação Matemática, enfrentando desafios com resiliência e mantendo-se fiel aos seus ideais. Sua biografia é marcada por uma combinação de experiências pessoais e profissionais que moldaram sua abordagem educacional única e impactante.

A entrevista foi realizada de forma presencial, em sua residência, na cidade de Salvador, Bahia. A professora respondeu alguns questionamentos, refletindo sobre sua trajetória na Educação Matemática no Brasil e no exterior.

A seguir, apresentam-se as questões seguidas das respostas da professora Elda.

2. Reflexões sobre a trajetória da Professora Elda Vieira Tramm

A partir de uma entrevista semiestruturada, a professora Elda respondeu às questões

realizadas pelo entrevistador, em um momento repleto de emoções e reflexões, enquanto relembrava sua trajetória na Educação Matemática.

Pergunta: Fale um pouco a respeito da sua biografia, desde a infância, ensino básico, formação, filhos, ...

Elda começou falando que teve uma professora de matemática que tinha se formado na França e que essa professora a despertou para a matemática. Lembrou que se deslocava andando do bairro da Saúde, em Salvador, até a Escola Severino Vieira, onde estudava. Informou que essa professora começou a ensinar pontos de referência a partir da trajetória realizada pelos estudantes da sua classe, sendo o ponto de convergência a referida escola. De acordo com ela, todos entravam basicamente na mesma hora, sendo, de fato, um ponto de convergência. Destacou, ainda, que essa professora influenciou na temática que discutiu no mestrado: avaliação em processo.

Recordou que a avaliação realizada por essa professora levava em consideração o crescimento individual de cada estudante, relatando que *“era de acordo com o crescimento de cada aluno que ela dava a nota”*. Com relação às atividades avaliativas escritas, não se recordava se era única (igual para todos), contudo, disse que ela e seus colegas não sentiam necessidade de olhar para a atividade do outro, haja vista que *“todo aluno encarava a avaliação dizendo eu vou crescer pra mim mesmo”*. Ratificou que teve essa *“influência logo no ginásio”*, que hoje corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental.

Lembrou que nessa época reprovou um ano, atribuindo o ocorrido às aulas que a diretora não ministrava, mandando apenas que estudassem sozinhos. Disse, ainda, que enfrentou essa diretora na época e que a reprovação foi um castigo para ela, pois as suas colegas foram aprovadas. Ratificou com a fala: *“Logo cedo, vi que o poder resolve”*, e refletiu um pouco sobre mudanças, afirmando que *“não se pode mudar, se não se sabe o que quer mudar”*.

Outra influência que teve foi ter passado no vestibular em primeiro lugar e poder escolher. Iria cursar Engenharia, mas como estava casada (com 20 anos de idade), destacou que, na época, Engenharia não combinava com o casamento; daí foi *“fazer Matemática, graças a Deus”*, pois já era apaixonada por esse instrumento que diz não ser só fórmulas, destacando que *“as fórmulas existem para agilizar as coisas”*.

No curso de Licenciatura em Matemática, foi aluna da professora Martha Dantas. Lembrou que a professora Martha estava em formação em cursos de pós-graduação na França

(não recorda se era o doutorado) e que, na época, por não ter professor para substituí-la, sua formatura foi atrasada. Relatou que já falou sobre esse assunto na entrevista dada ao “*ELAS NAS EXATAS*”, dizendo que precisava se formar para trabalhar e buscar algum tipo de renda, ficando atrasada devido à ausência da professora. Declarou: “*Na época eu não tinha essa dimensão, de que ela estava se preparando para nós*”. Afirmou que, no mesmo período, a sua mãe estava em São Paulo para fazer uma cirurgia, que a vida estava “*meio mexida*” e precisava culpar alguém; daí culpou a professora Martha Dantas.

Lembrou que a professora Martha Dantas é uma das precursoras do movimento da Educação Matemática e que, na época, não tinha essa denominação; era “*Didática da Matemática*”. Recordou que o curso de Licenciatura em Matemática foi realizado na Faculdade de Filosofia, destacando que, no período que não era formada, dava *bancas* de Matemática para ajudar nas finanças.

Pergunta: Os professores de matemática (em sua formação inicial) eram matemáticos ou eram mais engenheiros? Como era nessa época?

Sobre essa pergunta, lembrou que as disciplinas não deixaram marcas; a que marcou foi Didática da Matemática. No entanto, foram esses professores que a convidaram para ser professora no Instituto de Matemática da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Não lembrou quanto tempo depois da Faculdade de Filosofia foi criado o Instituto de Matemática, mas destacou que a professora Martha Dantas criou um Centro de Estudos para o Ensino da Matemática, que mais tarde passou a ser chamado de Centro Omar Catunda.

O Professor Omar Catunda era paulista e foi um professor convidado do Instituto de Matemática. Elda disse ser uma pessoa de sorte por “*ter tido uma professora que estudou na França no ginásio e, depois [quando cursou Matemática], uma professora [...] que foi para França e em seguida fundou o Centro [...]*”. Destacou que, inicialmente, a sua experiência no Instituto de Matemática foi como assistente do professor Catunda, e que conviveu com as professoras Arlete Cerqueira Lima e Lolita Carneiro de Campos Dantas. Pontuou que, na época, o professor Catunda usava uma tradução de um livro de Cálculo, e que ele ensinava Cálculo para Engenharia. Salientou, ainda, que, sendo uma jovem em uma turma de homens, às vezes era importunada (“*eles davam fiu, fiu na gente*”), e como assistente tinha a função apenas de resolver as listas de exercícios.

Catunda dava as aulas teóricas e Elda resolvia os exercícios. Lembrando que era ela e

uma outra colega – “*eu não lembro o nome, já é falecida, era muito ‘certinha’*” –, mencionou de forma casual. Elda identificou que muitos estudantes chegavam sem saber a teoria, e levou essa situação ao professor Catunda. Ela recordou que Catunda a chamou de petulante e, por esse motivo, ela não quis mais continuar como sua assistente. A professora Lolita, diretora do Instituto, a convidou para contribuir nas aulas de geometria, mas Elda não aceitou

Nesse ínterim, foi aprovada em primeiro lugar no concurso público para professora do Estado da Bahia, escolhendo trabalhar na Escola Severino Vieira, onde estudou. Seria uma retribuição ao processo educativo pelo qual passou. “*Essa experiência foi ímpar; me vi querendo fazer com que os alunos aprendessem matemática. Me apaixonei, mesmo sem saber nada de Educação Matemática. Eu só queria que eles vissem que a matemática não é um bicho papão*”. Nessa época, considerou-se realizada com os resultados obtidos.

A professora Elda disse estar muito emocionada, pois não tinha tão clara essa experiência em sua cabeça (de ensinar no Severino Vieira), afirmando ser a primeira vez que fala sobre esse assunto. Além disso, afirma que, apesar de toda essa experiência exitosa, foi “*convencida de que deveria ser professora universitária*” e voltou a atuar no ensino superior.

Nessa época, entrou no Centro de Pesquisa e Aperfeiçoamento de Professores do Programa de Aperfeiçoamento de Professores (PROTAP), cuja diretora era Alda Pepe, o que a levou a se identificar ainda mais com a educação, devido às atividades de formação que desenvolvia com uma equipe de professores de Ciências e Matemática do estado da Bahia, trabalho requisitado pelo Estado. Acredita que foi essa experiência que a levou a fazer o concurso para a Faculdade de Educação (FACED), onde atuou até a sua aposentadoria, durante muito tempo, com carga horária de 20 horas. Destacou que sempre buscou estudar “*como trabalhar conceitos matemáticos em sala de aula*”, e que, nesse período, dividiu sua atuação profissional dedicando 40 horas de trabalho ao Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEBA) e 20 horas à FACED. No CETEBA, escreveu atividades para trabalhar com estudantes de graduação, que buscavam o diploma, pois exerciam profissões como eletricitista, auxiliar em engenharia e outras. Nos últimos anos, ficou com Dedicação Exclusiva (DE) na FACED.

Já como professora da FACED, cursou o Mestrado em Educação (primeira turma), orientada pela Dra. Maria Amélia Matos, uma colaboradora que veio da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). A sua dissertação, em dois volumes, intitulada “Uma Experiência de Aplicação de um Curso de Avaliação para Professores de 1º Grau”, foi sobre

avaliação, na qual defendeu e indicou material para que o professor adotasse em sua sala de aula uma avaliação enquanto processo. A temática da sua dissertação gerou o livro “Avaliação da Aprendizagem: Qualidade x Quantidade”, publicado pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia e distribuído a todos os professores da rede. Nesse momento destaca: *“Olha o quanto é importante uma sementinha plantada pelo professor no Ensino Fundamental; ele não sabe a influência que vai ter na nossa vida”*, lembrando a professora que teve no ginásio.

Retomando o curso de Mestrado em Educação, lembrou que finalizou na segunda turma devido a um acidente que sofreu (acidente de carro), ficando um tempo em cadeira de rodas. Na época, não se falava em exercícios domiciliares e não tinha elevador. Disse ter tido sorte, pois saiu de uma turma piloto, a primeira, para outra com mais experiência. Relatou que a apresentou o Candomblé a sua orientadora, Maria Amélia, a pedido dela, destacando ser *“uma religião que entende a condição de vida, quer dizer, a circunstância do sujeito (aluno), e isso é muito bom para nós aplicarmos no ensino na escola”*.

Pergunta: O que foi decisivo para o seu “rompimento” com o Instituto de Matemática, fazendo-a ir para a FACED?

“Acho que era a Didática da Matemática, pois tinha um departamento voltado só para didática. Assim, trabalhava com os alunos que vinham do Instituto de Matemática com uma formação ‘engaiolada’ no estudo da matemática ‘pura’, e, como eu tinha esta como raiz, partia deste fato”, afirmando ser importante trabalhar o domínio dessa matemática.

Elda pediu que ficasse registrado que no concurso para professora do Estado da Bahia ficou em primeiro lugar, podendo escolher a cidade e a escola em que daria aula (escolheu Salvador e a Escola Severino Vieira), e pontuou: *“Eu trabalhei o conhecimento matrizes, defendendo o estudo delas com um júri simulado... Um lado apresentava um conteúdo voltado para a resolução de matrizes e o outro mostrava a aplicação de matrizes, onde esse assunto se encontrava no dia a dia”*. Além disso, destacou que foi trabalhar como aplicadora do livro de Martha Dantas e depois com o mesmo livro na Escola SESI do Retiro.

Nesse momento da entrevista, fica evidente que as memórias não estão tão claras quanto ao que de fato se deu do ponto de vista cronológico. Por esse motivo, Elda pede que, para que não fiquem informações inverídicas, os fatos sejam relatados sem, contudo, falar na cronologia; ou seja, a cronologia da sua presença no Instituto de Matemática, do trabalho na escola pública estadual, no Centro de Pesquisa e Aperfeiçoamento de Professores, no Colégio de

Aplicação/UFBA e no SESI. Recordou que as fichas idealizadas pela professora Martha Dantas e colaboradoras passaram a ser um livro e este foi aplicado, em momento posterior, na Escola SESI do Retiro.

Lembrou da diretora Nilzete, da Escola SESI, que fazia as coisas acontecerem. Pontuou que foi na Escola SESI que se deu a verdadeira aplicação das fichas idealizadas e pesquisadas por Martha Dantas, pois não estavam mais em pesquisa, em verdade, já se apresentava em forma de livro. *“Eu acho que Nilzete foi uma professora firme e excepcional, pois batalhou para que os alunos tivessem as melhores professoras, oferecendo as melhores condições de trabalho para o professor”*.

“Eu me vi aplicando essas fichas, me emocionei novamente “Nesta época trabalhamos duro, pois nos reuníamos com Dona Martha e discutíamos o que funcionou e o que não funcionou [...]”.

Trabalhando concomitantemente na FACED, no CETEBA (fez remoção do Colégio Severino Vieira para o CETEBA) e cursando o mestrado, foi convidada por Edvaldo Boaventura (coordenador do mestrado e que mais tarde veio a ser Secretário de Educação) para participar do projeto de criar uma universidade para todo o estado da Bahia, a UNEB⁴, tirando licença do CETEBA (40 horas); ou seja, o trabalho no CETEBA foi transferido para esse projeto.

Foi na criação da UNEB que pôde ter uma visão panorâmica da universidade, para além do trabalho que desenvolvia como professora, o que contribuiu também para ampliar a sua visão como professora. Ela refletiu: *“Temos que quebrar um pouco isso de disciplina, temos que sonhar mais alto. Ensinando matemática ou ensinando didática da matemática, nós temos que passar isso para o mundo, que a disciplina é uma parte do todo, [...] eu sou uma parte do todo, mas o todo depende de mim”*.

Nesse momento, pega um objeto na mão e começa a falar: *“É trabalhar com o objeto sabendo que essa parte de cima é um tronco de cone invertido. O criativo foi que essa parte que ele tirou, que foi um cone, gerou uma coisa que agradasse e que agora eu tenho dificuldade e não posso pegar”*, pontuando questões relativas a sua saúde atual.

Pontuou que, com o final do projeto, passou a trabalhar na UNEB (professora de 40h), mas continuou na FACED (professora de 20h), dando aula normal, sobretudo acompanhando

⁴ Universidade do Estado da Bahia.

os estágios, e falou: “*Com a criação da UNEB, meus voos foram mais altos*”.

Após a criação da UNEB, buscou ampliar os conhecimentos no campo da Educação Matemática, para além da Didática da Matemática que conheceu com Martha Dantas. Lembrou que o professor Ubiratan D’Ambrosio trouxe para o Rio de Janeiro um Encontro Internacional de Educação: “*Como eu estava na FAGED, eu soube; vai que eu vou aprender mais...*”. Recorda que os alunos perguntavam: “*Por que você não é a primeira quando a gente entra no curso?*”, ou seja, os alunos estavam questionando o modelo do currículo “*3 + 1*”. Disse ter tentado conversar com o Instituto de Matemática sobre esse assunto, mas não teve sucesso; era uma contra dez.

Nesse momento da entrevista, se dá um diálogo entre Elda e o entrevistador.

Entrevistador: *Olha após quanto tempo rompemos com esse modelo, e ainda estamos engatinhando.*

Elda: *Mudou?*

Entrevistador: *Sim, agora os alunos já entram no curso de licenciatura se identificando como professor.*

Elda: *Meu sonho vingou! Muito emocionante...*

Foi nesse Encontro Internacional de Educação que o professor D’Ambrosio a apresentou ao professor Hans Freudenthal, e já saiu convidada para ser bolsista em seu projeto desenvolvido na Holanda. Acredita que o convite se deu devido a sua participação em um minicurso proferido por ele, no qual pôde expor suas ideias e questionar outras. Tinha uma tradutora só para ela conversar com ele. Contudo, a sua ida para a Holanda não foi rápida. Foi mais de um ano de contatos e conversas por meio de cartas: “*carta pra lá e carta pra cá*”. Nesse momento, mostrou a carta – que ainda tinha guardada – do convite do professor Freudenthal (ver anexo).

Ainda era professora da UNEB e FAGED quando foi para a Holanda cursar o doutorado. Foi quando se separou do marido e, com os três filhos, seguiu para outro país. Foi com bolsa CAPES e CNPq: “*Eu era uma bolsista rica, mas fui com três filhos, então não era rica*”. No final, soube que foi D’Ambrosio que analisou o seu processo e deve ter dito: “*essa maluca*”.

Quando retornou para o Brasil, acreditou ser melhor para a sua vida naquele momento que trabalhasse em uma única instituição e com dedicação exclusiva (DE). Foi então que passou a ser DE na FAGED, pedindo exoneração da UNEB. A decisão pela FAGED na UFBA se deu por causa da área de atuação. Enquanto na UNEB dava aula de matemática (por exemplo,

cálculo), na FAGED dava aula de estágio e didática. Nesse momento, lembrou ainda que desenvolveu um trabalho de formação continuada de professores na antiga Escola Técnica Federal da Bahia, por exigência de lei, com professores que só tinham formação em engenharia ou curso técnico.

Como DE na FAGED, se envolveu de forma ativa em questões sindicais e na luta por melhores salários e condições de trabalho, vindo a ser Diretora da Regional Nordeste III no Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES), que não existia e foi criada com a sua colaboração.

Pergunta: Como foi sua ida para Portugal?

“A Holanda me deu Régua e Compasso, como diz Gilberto Gil; vamos elevar a nossa baianidade. Eu sou sergipana, com 5 anos vim pra cá... [...] o professor Freudenthal me orientou para ir a um evento específico; fui cega para esse encontro. Foi quando conheci três professores, de onde veio a surgir o meu convite para Portugal: Raul Carvalho, João Pedro da Ponte e Paulo Abrantes. Raul Carvalho era um sonhador como eu; ele me convidou, mas quem me recebeu foi Paulo Abrantes, porque ele (Raul) já estava em outra ‘vibe’”.

Em Portugal, Elda trabalhou com formação de professores para a Educação Básica em vários centros, sem o apoio da Associação de Professores de Matemática (APM). Ela reflete: *“Quando eu ganhei o prêmio do Ano Mundial da Matemática ‘Ensinando Através da Construção da Bola de Futebol’, no ano 2000, em 2001 foi a entrega e quem recebeu foram as crianças, não foi eu e nem a professora do Ensino Fundamental I, 4º ano”*; foi quando veio o reconhecimento.

“Gostaria de citar o blog. Nele postei vários trabalhos, sobretudo com Geometria Dinâmica, utilizando o Sketchpad (investimento próprio, não era gratuito)”. Elda destaca a importância da utilização desse tipo de *software* no ensino de geometria, quando diz que *“o Sketchpad [...] dá movimento; é o movimento em ação. Pode-se fazer várias perguntas ao estudante, pois o aluno é sujeito da aprendizagem, tem que ser sujeito, e o professor tem que dar a mão, sem fazer pelo aluno. O professor é aquele condutor”.*

Pergunta: Dentre os estudos e pesquisas realizados na área de Educação Matemática em toda a sua trajetória, quais você destaca como relevantes?

Elda responde dizendo que não seriam momentos relevantes, mas momentos de

formação para o seu autoconhecimento enquanto formadora, e que poderia ser, talvez, passando experiências para outros, ou seja, dando condições para que o outro, que está em formação, se desenvolva.

Além disso, ela usa a metáfora do rio, que segue o seu curso com um objetivo, contudo, pode passar e banhar pontos não previstos em seu curso; são esses desvios que geram o autoconhecimento, no caso da formação. Ainda, analisa que tem um objetivo claro, todavia, segue caminhos não previstos. De acordo com a professora Elda, importa passar para o professor que ele não sai formado, por isso, afirma que fica *“bem quietinha na primeira aula”*. Como exemplo, cita o projeto *“o M do McDonald’s”*, desenvolvido com a colega Jussara Gomes Araújo Cunha, que tinha sido sua aluna na especialização. Elda destaca que Jussara ensina bem, pontuando que, no conteúdo de Função Polinomial do Segundo Grau, se resumia a perguntas e respostas a respeito da concavidade, vértice, imagem, mas foi buscar algo do contexto do aluno, que tinha o *McDonald’s* em frente à escola.

Insistiu-se sobre quais momentos seriam relevantes, e ela respondeu que marcaria o EMFoco, a vivência no Grupo EMFoco⁵, porque uma das marcas do grupo é a abertura de questionar o colega e ser questionado. Por exemplo, no *Com a Palavra o Professor*⁶, temos *“[...] a liberdade de questionar o colega, e o colega não levar aquilo como crítica pessoal”*.

Elda relata que, quando entrou para o Grupo EMFoco, devido à formação de base que tinha, estava chegando de Portugal, ou seja, isso ocorreu há 17 anos, aquilo soava como uma crítica e os colegas davam *“‘pau’ sem dó e nem piedade; [...] a gente tem (piedade), em geral, do aluno”*, e destaca que esses debates acadêmicos e de ideias não configuravam, para quem estava expondo as suas ideias, estar apanhando, mas como aprendizagem. Ainda, pontua a importância de deixar a sementinha plantada, dizendo: *“como deixei na bola, que hoje a menina é médica..., o gosto pela matemática só fica se você for o sujeito da sua aprendizagem”*.

Por fim, aponta que o contato com a Matemática Realista também seria um ponto marcante, mas que vê como mais importante a oportunidade que teve de aplicar a Matemática Realista em Portugal. Reflete que, apesar de conhecimento sobre a teoria, viu de fato a sua

⁵ Com 20 anos de existência, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática em Foco é oriundo da primeira turma de Especialização em Educação Matemática da Universidade Católica de Salvador. Inicialmente, egressos da turma resolveram se juntar em prol de continuar dialogando a respeito do ensino de matemática e a Educação Matemática, em especial, as discussões a respeito das suas salas de aulas. O EMFoco é Núcleo da Sociedade Brasileira de Educação Matemática Regional Bahia (www.grupoemfoco.com.br).

⁶ Dinâmica existente nas reuniões do Grupo EMFoco. Um dos membros apresenta uma experiência, um relato, um projeto, ... e todos e todas contribuem com sugestões, discussões e críticas construtivas.

ocorrência em sala de aula, um tempo depois, quando teve a oportunidade de aplicá-la. Além disso, teceu uma crítica dizendo que alguns profissionais a chamam de Realística, ponderando que “*tradução é tradução, né?*”, e que vai continuar usando Realista, desabafando que sugeriu falar da Matemática Realista em um dos EMFoco *online* (momento em que o Grupo EMFoco busca socializar a nível nacional), mas que o grupo se calou e ela entendeu como NÃO, dizendo: “*o silêncio é o não*”.

Lembra de outras oportunidades que teve, uma em formação com professores de Ensino Técnico em exercício, que precisavam ter a formação para continuar lecionando, e também com o LOGO no laboratório de informática, sem dar o nome de Matemática Realista.

Pergunta: Mas o que você tem a dizer sobre esses estudos? (Se chegam de imediato, se não chegam...)

Ela responde que “*acha que é porque a universidade, não sei se é porque ela dá valor ao teórico*”, e reflete que esse não é um problema apenas da Matemática, mas de outras licenciaturas. Analisa que identificou isso desde o seu mestrado, ou seja, muita teoria sem relação com a prática, e lembra que tinha dito: “*já deveria começar sendo licenciando*” (já começar se identificando com o ser professor). O entrevistador retoma um momento que já tinha ocorrido na entrevista, em que um aluno questionou o modelo “3 + 1” na época em que Elda começou a dar aulas na FACED, mas que hoje é um modelo quebrado por força de LEI, e as licenciaturas ainda estão se adaptando.

Elda colocou que, nos trabalhos com as outras licenciaturas, era tudo factual, no sentido de “*teoria, teoria, teoria, ...*”, a exemplo da História, que não se relacionava com circunstâncias da época. Ela disse que o mesmo ocorre com a Educação Matemática, haja vista que, na formação dos futuros professores, “*nós formadores não temos essa formação*”. Contudo, alguns se arriscavam, exemplificando com a professora Adelaide Reis Mendonça (mestra na matemática pura), que não ficou no Instituto de Matemática, porque não lhe foi dado espaço, e então ela foi parar na Faculdade de Educação. Elda reflete: “*o tempo de formação para formar demora*” (tocando na formação do formador de futuros professores); uma formação em matemática que leva em conta o dia a dia do sujeito custa muito tempo para os professores, e eles não têm esse tempo.

Pergunta: Você acha que é só o tempo?

“Não, não acho que seja só o tempo; é o medo também, o medo de quebrar ... Não acho que a formação dê conta disso.” Ela relata que durante o tempo que esteve na universidade, “teve que ser desbravadora, teve que ser chamada de maluquinha, que é uma conotação errada para uma professora universitária”, e completa: “[...] eu não sabia que era para me diminuir, eu não tinha essa malícia, pois estava tão focada no meu sonho que não dei conta dos nós que apareceram na minha vida”. Então são muitas questões: a formação inicial, as condições de trabalho, tem muita coisa até a Educação Matemática chegar na sala de aula. Elda diz: “Eu acho que a UFRB⁷ é um grande exemplo; não desistir do sonho jamais, jamais, jamais”. Nesse momento, o entrevistador, que é da UFRB, reflete junto com Elda: “as pessoas ficam fechadas nas suas circunstâncias e ficam reféns do sistema, a exemplo de ficarem fechadas nas suas publicações; e o sistema exige isso”.

Nesse instante da entrevista, Elda relembra que na Holanda é como se fosse duas universidades, a propedêutica e a outra que chega de fato na sala de aula, e que isso ocorria todas as sextas, momento em que socializavam com o professor da escola básica e, de alguma maneira, percebeu que poderia trabalhar um tanto disso quando entrou no Grupo EMFoco.

Pergunta: Se você pudesse dar uma sugestão (tem as diretrizes, as pessoas têm que cumprir, não é porque querem, é força de lei...) e falar um pouco do que consta nas diretrizes...

Elda diz: “Então, as circunstâncias de trabalho melhoraram”. Sugere que se tenha professores colaboradores (não sabe bem o nome). Ela reflete que o professor Freudenthal morreu dentro da universidade e que via professores doutores pedirem a sua opinião, pois tinha experiência e respondia com sugestão. Diz que nós não podemos perder essas cabeças pensantes e que fazem a relação da teoria com a prática (se referindo a Freudenthal e outros).

Nessa linha, ela começa a falar um pouco sobre projetos de vida e academia. “Eu estou com vontade, ... estou formalizando minha vida, porque lá (Portugal) eu tenho a parte espiritual, que eu tenho essa doença, a parte que me realizou, e meu filho mora lá. Por causa disso, então: a parte afetiva, vamos dizer, e também é muito calmo. O velho lá é colocado para andar. Eu enxerguei logo isso, porque eu morei na Holanda, que era país de velhos, e o jovem reclama bastante porque o velho tem subsídio, é quem paga bem a quem tá começando; é a

⁷ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

própria dinâmica da sociedade. Eu enxerguei isso, como enxerguei minhas oportunidades, então eu estou pensando seriamente em passar seis meses aqui no Brasil, e seria no segundo semestre, pois no primeiro é bem complicado, e os outros seis meses em Portugal". Elda reflete que a formação forte em Portugal se dá no primeiro semestre, que essa formação tem muito de prática, e que ela vai para a sala de aula do professor. Uma formação de 120 horas acaba sendo de quase 240 horas. Ainda, afirma que não se recebia pelo valor de 240 horas e sim 120 horas, acrescentando que essas formações agregam em valor no plano de carreira do professor.

Elda diz que quer voltar a trabalhar; trabalhar envolvendo os três níveis. Por exemplo, em uma universidade, com a parceria do poder público municipal. Então pegaria uma escola municipal com um diretor ativo e envolvido e trabalharia com conhecimento de circunstância da escola. Só entra o professor que quiser. Os estudantes da universidade passariam a fazer parte desse projeto, o poder público ajudaria, por exemplo, com locomoção, alimentação, ..., sendo criadas essas condições. Nessa dinâmica, Elda avalia que em Portugal seria para cuidar de si em todos os aspectos, e no Brasil viria a trabalho. E vai lembrando de situações de trabalho com o envolvimento da escola, no que diz respeito a quem tem poder de decisão.

Nesse momento, ela recomenda a leitura do segundo livro do Grupo EMFoco⁸, que conta essa experiência exitosa de formação, tendo como desdobramento o protagonismo do estudante na construção do seu conhecimento matemático, e reflete: *"A mudança é muito trabalhosa, pois envolve mudança de comportamento"*. Afirma, ainda, que se deve publicizar tudo.

Pergunta: Sobre os documentos e exames (PCN⁹, BNCC¹⁰, ENADE¹¹, SAEB¹², Diretrizes...), o que você tem a dizer?

"Isso é igual a lei. Nós temos as melhores leis trabalhistas, a aplicação delas é que é o caso, é que é o problema". E o entrevistador pergunta: essa aplicação é problema por causa de quê? Ela ri e diz: *"Eu resolvi esse problema na minha cabeça; o que decidem lá, por exemplo, o currículo, sei lá, é para ensinar o que botar no currículo; vamos trabalhar aqui de uma maneira diferente. Eu transformo logo em uma investigação"*. Mesmo com o adulto presente,

⁸ Uma década de educação matemática EMFoco: trajetórias em pesquisas, ensino e formação de professores. José Walber de Souza Ferreira e Elda Vieira Tramm (Orgs.) – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

⁹ Parâmetros Curriculares Nacionais.

¹⁰ Base Nacional Comum Curricular.

¹¹ Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes.

¹² Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica.

o sujeito aprendiz é o protagonista. *“A gente tem que se debruçar sobre os conteúdos que eles determinaram, que a gente não tem como professor. Eu, mesmo sendo doutora, não tenho interferência... Me deixe executar como eu sei”*.

Ela diz que, para isso, nós temos liberdade, em qualquer nível, apontando que, tanto em Portugal quanto na Holanda, existe uma fiscalização, não no sentido de punir, mas de apontar o que precisa ser resgatado e melhorar. Mas no Brasil, onde estariam esses técnicos para fiscalizar, se não têm formação? E faz um paralelo com as avaliações (aprovações) dos cursos de licenciatura pelo Ministério da Educação (MEC), que os avaliadores e a avaliação não são para punir, exemplificando com a avaliação do curso de Licenciatura em Matemática EAD de uma universidade particular na qual trabalhou após se aposentar da UFBA, quando tentou tranquilizar a coordenadora na época.

Além disso, na oportunidade, comentou sobre a importância da integração dos estudantes do mestrado e doutorado da Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), em São Paulo, que são orientandos de Edda Cury e Suzete Borelli, dizendo ser importante confraternizar e trocar ideias nesses espaços. Vivenciou essa experiência em dezembro de 2023.

Pergunta: O que mais você gostaria de dizer aos Educadores Matemáticos Brasileiros, aspectos que não foram abordados, já que eles serão os principais leitores da entrevista?

“Eu gostaria de dizer uma coisa: corra atrás do seu sonho. Corra, porque vale a pena; corra... Mas se a gente fizer um trabalho que não está envolvido 24 horas..., você dorme com uma coisa com a qual não se realiza, você não está fazendo o que você acredita”. E continua: *“a gente acha que não consegue, pois temos uma expectativa alta, ... Seja condescendente na avaliação(auto), pois temos que avaliar o nosso trabalho, a nossa intervenção; [...] se for uma “intervenção cirúrgica”, utilizando recursos que deixem menos traumas, o estudante se recupera mais rápido”*.

Ensine o graduando a andar, exemplifique com a sua caminhada, quer seja na matemática pura, na matemática aplicada ou na Educação Matemática. Afinal, *“a gente vai sempre aprender andando. Aí eu sou como Cora Coralina, o caminho se faz caminhando; por isso nunca desista do seu caminho, mas leve isso a sério, porque ele é um caminho que dorme com você”*.